

Uma união assim tão completa constitui o mais poderoso antídoto contra a solidão. Desenvolve e expressa em sua forma mais nobre e melhor, no enobrecimento moral do casal e na verdadeira socialização dos filhos.

(Pitirim A. Sorokin)

[Do livro “A Revolução Sexual Americana”, de Pitirim A. Sorokin, Ed. Fundo de Cultura, Rio de Janeiro, 1961, ver p. 12.]

000

Alberto Torres, em 1914: **Sobre o Dever Ecológico dos Povos**



Retrato de Alberto Torres (1865-1917) feito pelo artista Modesto Brocos

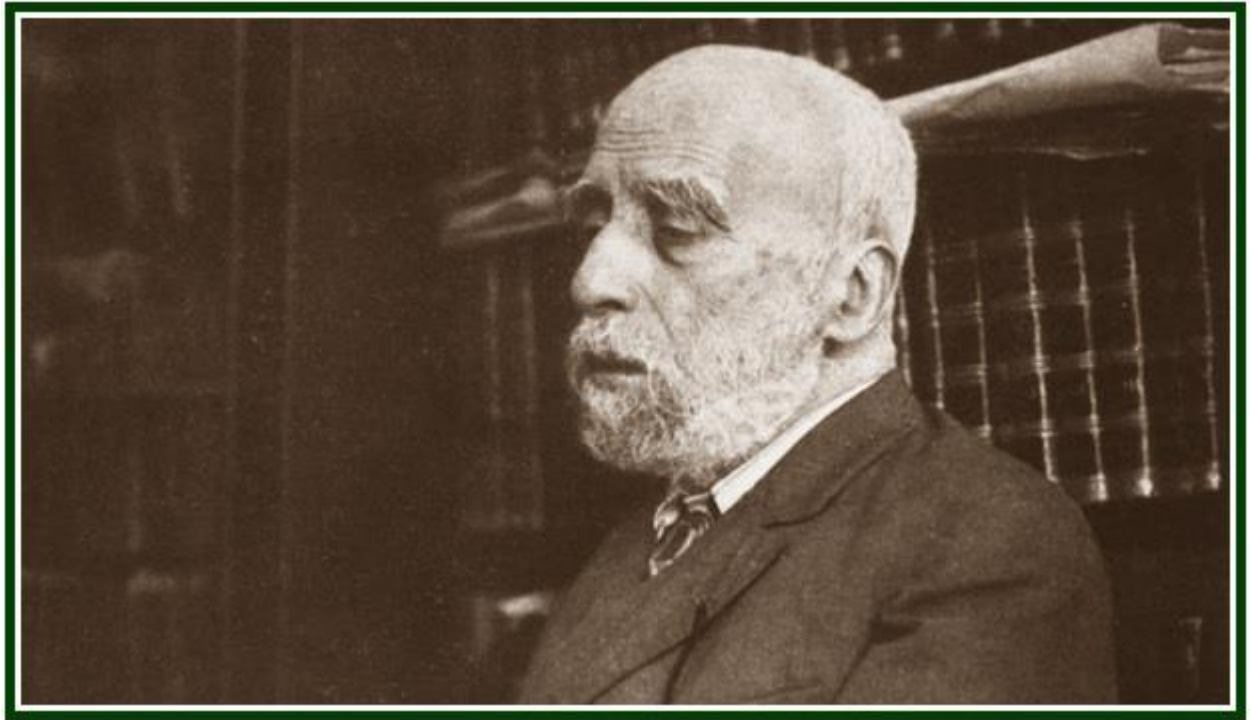
A civilização tem o dever de conservar as riquezas inexploradas da Terra, reservas destinadas às gerações futuras, e de defender as que estão em produção, contra a exploração imprevidente, assim como o de proteger todas as raças e nacionalidades contra as formas de concorrência que possam importar ameaça a seus interesses vitais, bem como à segurança, propriedade e prosperidade de suas descendências.

O Brasil tem os interesses orgânicos da sua sociedade e os da sua economia não simplesmente ameaçados, senão efetivamente atacados pela sua anarquia social e política, e pelas imprudentes aventuras financeiras que se estão praticando na América do Sul.

(Alberto Torres)

[Do livro “O Problema Nacional Brasileiro”, de Alberto Torres (1865-1917); terceira edição, Companhia Editora Nacional, SP, RJ, 1938, 281 pp., ver p. 31. Para confirmar que o texto é de 1914, veja p. 54.]

O Passado Como Reserva Moral



José Leite de Vasconcellos (1858-1941)

O estudo correto da teosofia é iniciático porque expande fortemente a nossa visão do espaço e do tempo. O peregrino avança pouco a pouco e com segurança no rumo da duração eterna e do espaço infinito, onde vive a sua essência.

No plano de uma comunidade, também, quanto mais ampla a noção de tempo que se tem, mais fácil se torna vencer os desafios enfrentados.

O passado surge então como uma reserva moral.

Tanto individual quanto coletivamente, os melhores momentos da experiência acumulada nos inspiram a agir de modo correto no presente, sejam quais forem os desafios e as dificuldades de hoje. Assim podemos colocar os impasses aparentemente difíceis do instante atual no contexto abençoado da aprendizagem de longo prazo da alma.

Vejamos um exemplo prático.

Um dos maiores pensadores portugueses de todos os tempos, José Leite de Vasconcellos, considerava em 1897 que o seu país vivia um momento de decadência.

No prólogo da sua obra monumental “Religiões da Lusitânia”, ele escreveu:

“Quando um povo, em virtude das más cabeças dos homens que o constituem, ou de condições históricas e gerais, está em decadência, como o nosso, permita-se ao menos aos que amam a terra em que nasceram furtar-se, pela contemplação e estudo das coisas do passado,

às misérias do presente: assim se evitará uma causa de sofrimento moral, e ao mesmo tempo se tirará do conhecimento etnológico do país, e da consciência da solidariedade em que os diversos momentos históricos estão entre si, estímulo para não deixar abismar-se completamente no pântano das protérvias [*vergonhas*] sociais o que ainda resta de sentimentos puros na alma nacional.” [1]

A falta de ética é míope. Só enxerga o aqui e agora e faz isso de um modo especialmente estreito. A ética está associada a uma visão ampla das coisas e a uma relação correta com o passado e o futuro.

O ser humano sensato sabe que é um aprendiz do passado longínquo e um construtor do futuro distante. Todos os tempos estão presentes em cada momento.

NOTA:

[1] “Religiões da Lusitânia”, de J. Leite de Vasconcellos, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, Portugal, edição em três volumes, acompanhados de um quarto volume com adendos e acréscimo. Veja o vol. I, 1998, 440 pp., p. VIII.

000

V veja nos websites associados o poema filosófico “[As Árvores](#)”, de [José Leite de Vasconcellos](#).

000

Um Segredo do Trabalho Teosófico

Alguns Fatores Decisivos Para a Vitória de um Esforço Humanitário

Para trilhar o caminho da sabedoria, é preciso ter acesso em primeiro lugar a um ensinamento que pode ser verificado como sendo autêntico, verdadeiro, e universal.

E embora este ponto seja indispensável, não é suficiente. É preciso também examinar como abordamos o ensinamento. O segundo item estabelece que o caminho deve ser olhado simultaneamente desde vários ângulos. O ponto de vista contemplativo deve estar lado a lado com a perspectiva intelectual, e com o ponto de vista vivencial ou prático, entre outros.

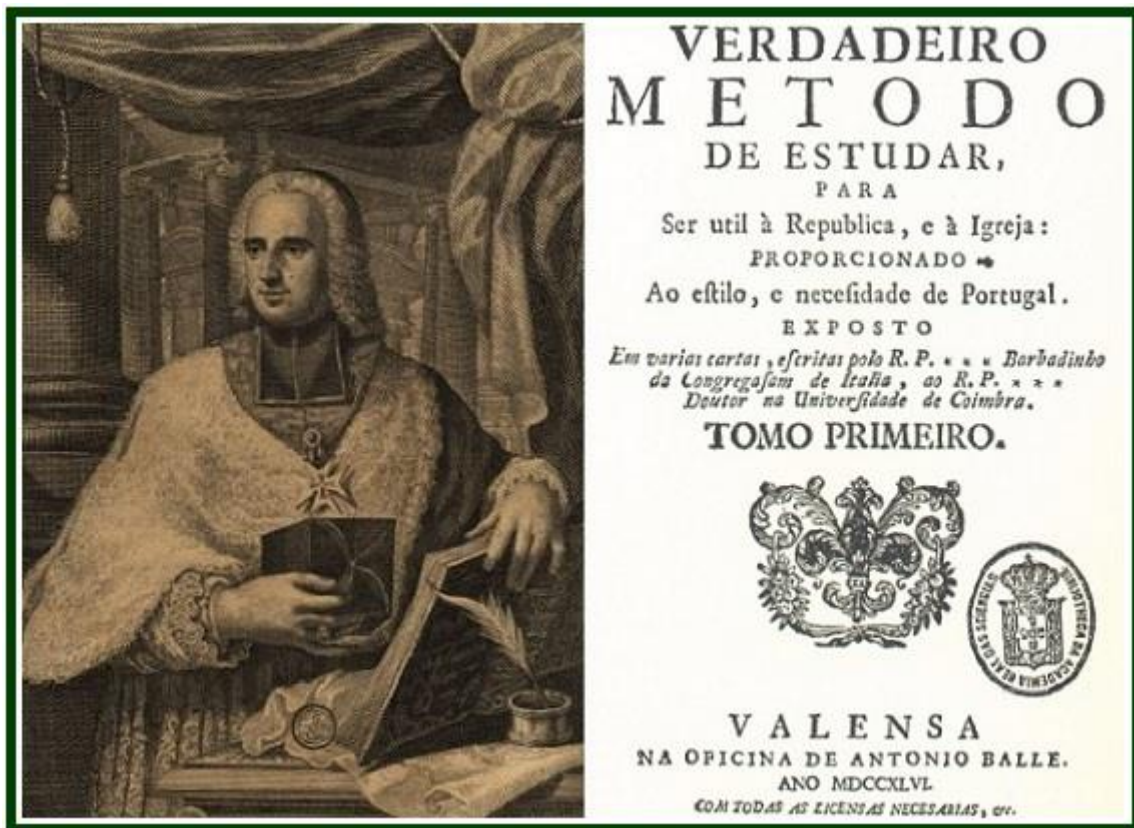
Há ainda um terceiro segredo básico da caminhada. E ele está na harmonia consciente, respeitosa, entre as almas e os esforços daqueles que decidiram fazer o trajeto.

Este fator é tão fácil de esquecer que a razão pela qual ele tem importância decisiva merece ser analisada. Por que motivo ele constitui uma chave secreta para o progresso, individual e coletivo?

[Clique para ler o artigo completo](#)
[‘Um Segredo do Trabalho Teosófico’](#)

000

Luís A. Verney Questiona a Nossa Capacidade de Aprender



L. A. Verney (1713-1792) e a página de rosto do primeiro volume de sua obra

Luís António Verney, o influente pensador iluminista do século 18, tratou de reformar o ensino e a aprendizagem no mundo lusófono através de uma obra publicada em 1746.

Muito do que ele ensinou ainda está por ser aprendido.

A atitude errada do aprendiz, escreve Verney, “destrói tudo o que se aprende, ainda que seja bom!” E prossegue:

“Tem além disto outro perigo; porque quem está preocupado por alguma opinião, não observa mais que o que lhe tem conta, e tudo regula pelas ideias que tem; de sorte que não escreve a história sincera do que na verdade foi o fenómeno. E, assim, pouco servem as suas relações [investigações] a um homem que só busca desenganos.” [1]

É preciso desapegar-se do que é inútil, para alcançar o que é valioso.

NOTA:

[1] “Verdadeiro Método de Estudar”, Luís António Verney, Livraria Sá da Costa, Lisboa, 1952, obra em cinco volumes, ver a p. 29 do volume IV, que tem 298 páginas.

Ideias ao Longo do Caminho

A Voz da Consciência Está Ao Nosso Alcance o Tempo Todo



O Sofrimento é Uma Questão de Hábito

* Na secreta correlação simétrica entre outono e primavera, o equilíbrio é encontrado. Há uma paz oculta essencial em ambas estações. O plantio e a colheita, o nascimento e a maturidade, são momentos do ciclo da alma.

* Na primavera brasileira de outubro, floresce a potencialidade. No outono da Europa lusófona, há o momento da realização. Depois vem o auge do verão e do inverno, nos dois lados da Terra. A cada mês, à medida que o Sol faz o seu ciclo (e Hércules realiza os doze trabalhos), os dois hemisférios se compensam e complementam tanto espiritual como materialmente.

* Não é preciso consultar o relógio. A qualquer instante podemos buscar em nosso próprio interior a mais alta orientação espiritual. E ela afastará ilusões negativas, e reforçará a ligação com o ponto central da nossa existência.

* Cada um tem os seus motivos para consultar várias vezes por dia a voz da sua consciência.

* Por definição, o nível mais alto de percepção de que disponho está sempre ao meu alcance, uma vez que eu tenha a determinação suficiente para consultá-lo. E ele é suficiente, e ele se aprimora com o uso. A influência da voz da consciência leva para longe o que não tem valor. Através desta prática aparentemente simples, todos podemos aumentar a qualidade do dia e garantir a autenticidade do esforço.

* O maior patrimônio de um povo está na sua relação interna com o que é infinito, e em sua capacidade de ver a vida desde o ponto de vista das eternidades. E isso ensina modéstia. A

verdadeira riqueza de um indivíduo é aquilo que o liga à sua própria alma imortal, e que lhe permite - entre muitas outras coisas - perceber e lembrar da presença da alma imortal nos seus semelhantes. A ligação com a alma traz o contentamento, torna o indivíduo feliz, estimula a boa vontade, e ensina a arte da ajuda mútua.

* O sofrimento, assim como a felicidade, é uma questão de hábito.

* Subconscientemente, o masoquista ataca os outros como meio de garantir a represália contra si e deste modo perpetuar a sua própria dor. Esta “satisfação”, porém, é doentia. Se os seres humanos gastassem menos tempo lamentando-se, criticando uns aos outros ou disputando poder e prestígio, poderiam empregar mais energia em estimular o que há de bom e correto em si mesmos e nos outros. Isso faria com que o bem-estar de todos se multiplicasse num círculo virtuoso iluminado.

* Há um nível de dor que faz parte do ato de estar vivo; porém apegar-se à dor desnecessária é pouco inteligente. O hábito de estar contente com a vida é saudável. Ele reforça a saúde, produz felicidade e anda junto com a sabedoria.

A Filosofia do Entusiasmo

O Primeiro Mandamento da Lei Humana é Aprender a Pensar; o Segundo é Agir à Altura

José Ingenieros

Sem entusiasmo não se pode servir a formosos ideais, sem ousadia não se empreendem empresas honrosas. Um jovem cético é como se estivesse morto em vida, quer para si, quer para a sociedade. Um entusiasta, exposto a equivocar-se, é preferível a um indeciso que não se equivoca nunca. O primeiro pode acertar; o segundo jamais.

O entusiasmo era já para os platônicos uma exaltada inspiração divina que acendia no ânimo o desejo do melhor. O entusiasmo é saúde moral: embeleza o corpo mais do que qualquer exercício; prepara uma maturidade otimista e feliz. O jovem entusiasta corta as amarras da realidade e faz convergir sua mente para o ideal; a vontade põe as suas energias em tensão e aprende a buscar a quimera sonhada. Olvida as tentações egoístas que surgem na prudência e acabam na covardia: adquire forças que os tímidos e os timoratos desconhecem.

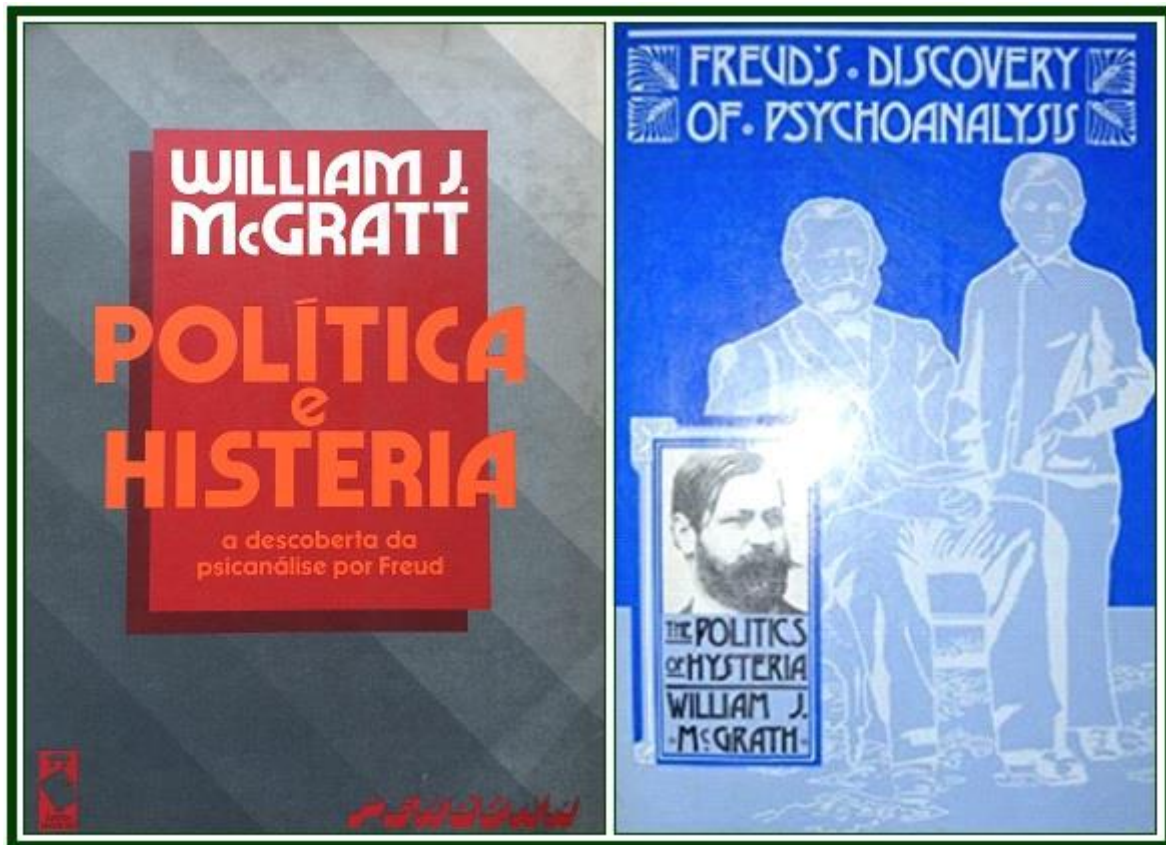
O apaixonado por um Ideal, qualquer que este seja - pois somente é triste não ter nenhum - é uma chispa; contagia a quantos o rodeiam o incêndio de seu espírito apaixonado. Os entusiastas despertam os temperamentos afins, e comovem-nos e incendiam-nos, até atraí-los ao próprio caminho que trilham; agem como se tudo obedecesse ao seu gesto, como se houvesse força de ímã nos seus desejos, nas suas palavras, no próprio som de sua voz, na inflexão do seu acento.

A Juventude Finda Quando se Apaga o Entusiasmo

Não há maior privilégio do que o de conservá-lo até a mais avançada idade viril; é dom de poucos e parece milagre por parte de quem consegue entesourá-lo até a ancianidade, como

Sócrates o seu gênio inspirador. É nesse único segredo que reside a eficácia dos escritores, fieis à sua doutrina, e que sabem afirmá-la, proclamá-la, repeti-la; em torvelinho, por cem maneiras apaixonadas. São os arautos do seu tempo e encontram eco no coração da juventude, sempre esquiva aos frios argumentos, inimiga dos sofistas solapados e dos capciosos contemporizadores. Somente podem colher simpatia os que semeiam o seu próprio entusiasmo. *Clique para ler o artigo completo: “[A Filosofia do Entusiasmo](#)”.*

Os Desafios do Trabalho Editorial



A capa da obra “Política e Histeria” em dois idiomas, com o nome de autor errado em português, e correto em inglês

O trabalho editorial traz bênçãos inenarráveis e algumas armadilhas.

Monteiro Lobato afirmou que os erros escondem-se tenazmente do autor e dos editores enquanto um livro é preparado, para rirem da cara deles depois que a obra sai da gráfica.

Júlio Verne, por exemplo, escreveu que Luís de Camões, o maior poeta da língua portuguesa, participou pessoalmente da viagem em que Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil, em 1500.[1]

O único problema é que Camões só nasceu 24 anos depois da viagem, ou seja, em 1524.

Nas Cartas dos Mahatmas, um Mestre mostra um erro crasso até hoje não corrigido no primeiro parágrafo da obra “Ísis Sem Véu”, de H.P. Blavatsky. [2]

Vejamos agora uma falha editorial mais recente.

Na capa do livro “Política e Histeria” - indispensável para entender a política de hoje em dia - vemos como nome de autor “William J. McGratt”, quando na verdade o nome do autor é “William J. McGrath”, com “th” no final. Para confirmar o fato, basta ver a capa da edição original em inglês.

Trabalhando com a melhor das intenções, as gráficas podem cometer erros de tirar o sono ao tradutor e aos editores, para não falar no autor.

Apesar do erro na capa e na página de rosto, a edição brasileira de “Política e Histeria” é boa. A tradução de José Octávio de Aguiar Abreu é bem feita. O texto final foi revisado com eficiência. O livro apareceu em 1988, publicado pela editora “Artes Médicas”, de Porto Alegre. O subtítulo da obra é “A Descoberta da Psicanálise por Freud”. Mostrando a gênese da Psicanálise durante os anos em que Sigmund Freud estudava o processo da histeria, a obra de William J. McGrath examina a história da histeria e sua relação com a história humana, inclusive nos processos políticos.

NOTAS:

[1] “A Descoberta da Terra”, Primeira Parte, Júlio Verne, 2003, RBA Coleccionables, Barcelona, Espanha, 240 pp., ver p. 213.

[2] “Cartas dos Mahatmas”, Ed. Teosófica, Brasília, vol. I, Carta 18, p. 121.

Limão, Um Médico Auxiliar



A inteligência universal está presente nas plantas e em toda a natureza. Para a filosofia esotérica, os vegetais não só são inteligentes, mas muitos deles têm o poder da cura. É o caso do limão.

“Faz do teu alimento o teu remédio”, ensinou Hipócrates, E o limão é, de fato, um verdadeiro médico auxiliar na vida dos que conhecem os seus poderes.

Há porém uma particularidade. Ao ajudar os humanos, o limão segue a filosofia preventiva de Hipócrates. Para o pai da Medicina, preservar a saúde é melhor que combater a doença.

O limão tem uma grande força curativa ao enfrentar problemas de saúde que já surgiram na vida de alguém. Além disso, ele atua antes que os desafios se tornem visíveis, e protege preventivamente a saúde quando ela está firme.

Originário das regiões úmidas a leste da Cordilheira do Himalaia, o limão era cultuado por diferentes povos antigos, incluindo China e Grécia.

O fruto do limoeiro transmite vitalidade. Suas aplicações práticas e específicas na promoção e proteção da vida são demasiado numerosas para que se tente abordá-las em uma nota breve. Cabe ler Alfons Balbach.[1] Uma coisa, no entanto, deve ficar clara. Por dezenas de motivos práticos, o limão é um protetor incansável dos seres humanos e merece a amizade e o agradecimento de todos nós.

NOTA:

[1] Veja “As Curas Maravilhosas do Limão e da Laranja”, de Alfons Balbach, Edições ‘A Edificação do Lar’, São Paulo, 1972, 206 pp. Sobre medicina hipocrática, leia livros de Paul Carton.

Novos Itens em Nossos Websites

Este é o informe mensal dos websites associados. [1] Dia 30 de outubro tínhamos 2559 itens em nosso acervo, dos quais 14 estavam em francês, 1207 em português, 1188 em inglês e 148 em espanhol. Havia dois textos em italiano.

Os seguintes itens foram publicados entre 04 e 30 de outubro de 2019:

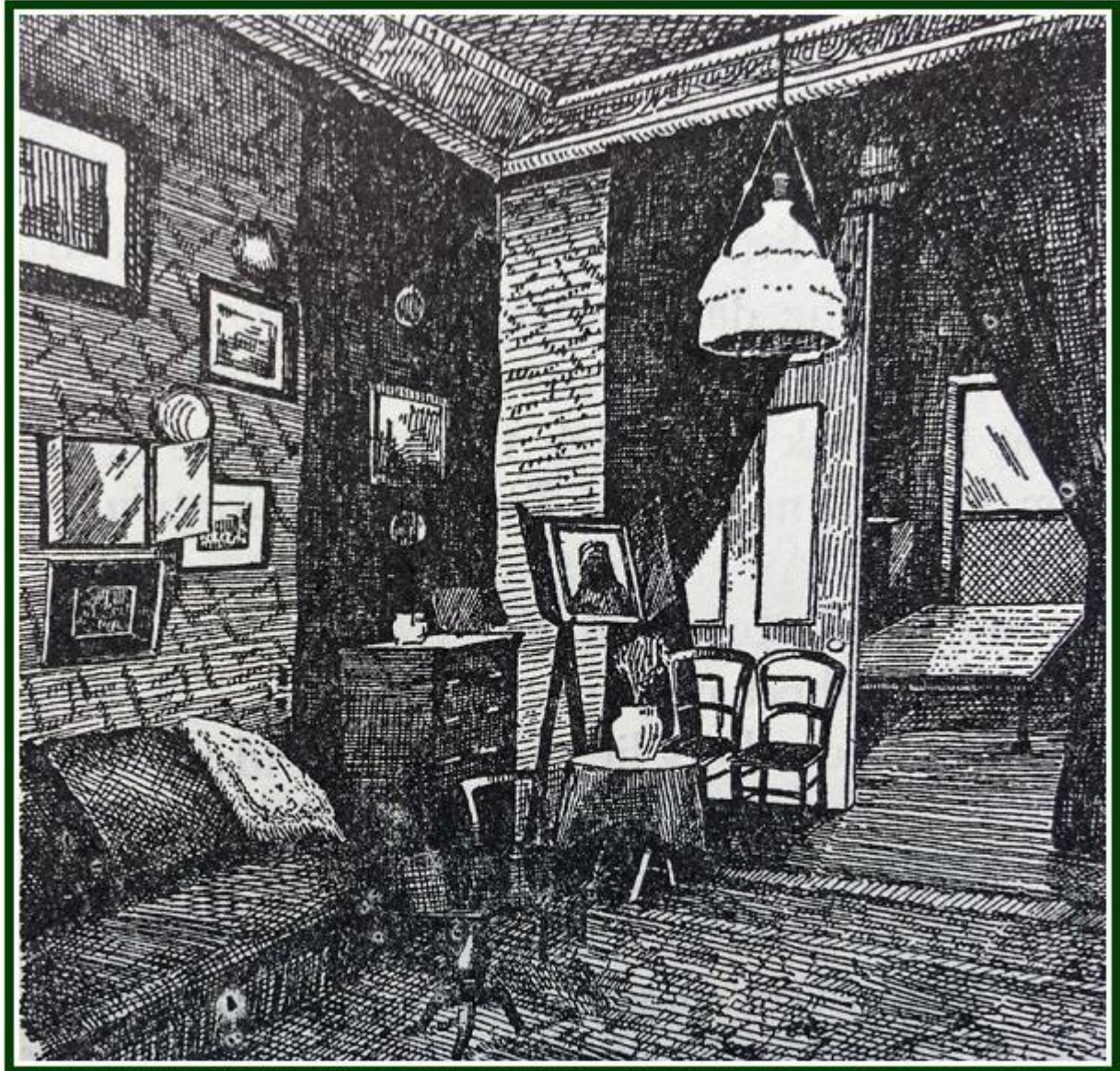
(Títulos mais recentes acima)

1. **As Árvores** - *José Leite de Vasconcellos* [poema]
2. **A Filosofia do Entusiasmo** - *José Ingenieros*
3. **An Improvement of the Heart** - *Carlos Cardoso Aveline*
4. **O Silêncio** - *Jorge Machado*
5. **Thoughts Along the Road - 37** - *Carlos Cardoso Aveline*
6. **Ideas a lo Largo del Camino - 35** - *Carlos Cardoso Aveline*
7. **Tomando Posse da Nossa Própria Natureza** - *Ivan A. Il'in*
8. **On the Law of Cycles** - *Helena P. Blavatsky*
9. **Ideas a lo Largo del Camino - 34** - *Carlos Cardoso Aveline*
10. **O Tempo** - *Luís de Camões* [poema]
11. **Blavatsky Writes About Hegel** - *Carlos Cardoso Aveline (Ed.)*
12. **The Aquarian Theosophist, October 2019**
13. **That The Best Physician Is Also a Philosopher** - *Galen of Pergamon*
14. **O TEOSOFISTA, Outubro de 2019**

NOTA:

[1] Os websites associados incluem www.FilosofiaEsoterica.com, www.CarlosCardosoAveline.com, www.AmazoniaTeosofica.com.br, www.HelenaBlavatsky.net, www.TheosophyOnline.com, www.HelenaBlavatsky.org, www.TheAquarianTheosophist.com e www.AmazonTheosophy.com.

A Casa de Helena Blavatsky em Lansdowne Road, 17, Londres



Desenhando a tinta, William Q. Judge fez a imagem acima para mostrar o escritório de Helena P. Blavatsky em Lansdowne Road, Holland Park, Londres, 1887-1888.

Judge explica o desenho:

“A sala de jantar, na frente, abria para o ambiente de trabalho, atrás. A peça da frente era usada poucas vezes para alguma coisa além das refeições, exceto quando uma reunião com muita gente forçava os visitantes a se sentarem nela. A vista desta sala é descrita desde o canto perto da escrivaninha dela e mostra o sofá em que o sr. Harbottle e outros, uma noite, durante uma reunião da Loja, viram de modo nítido a forma astral de um Hindu sentado e calmamente observando as pessoas.”

O ambiente de trabalho era simples. Judge prossegue na explicação:

“O retrato no cavalete é de um velho amigo Oriental de H.P.B. - do Mestre dela, na verdade, como ela disse mais de uma vez. A mesa pequena, redonda e instável, era usada com muita frequência pela manhã para uma refeição frugal, porque H.P.B. estava sempre acordada e trabalhando desde muito cedo todos os dias. Foi incluída de propósito neste desenho, porque havia sido usada pouco antes do registro da cena. Essa era a grandeza que rodeava a sucessora de Saint-Germain.” [1]

O website TheosophyCanada publicou uma foto que oferece uma visão mais nítida da mesa circular comentada por Judge.



Uma Máquina Kodak nos Anos 1880

HPB tinha uma jornada de trabalho demasiado longa, descansava pouco e sua alimentação era inadequada.

A foto a seguir foi tirada por W. Q. Judge com uma máquina Kodak. O local é a sala de trabalho de HPB em Lansdowne Road. [2]



A imagem, de 1888, mostra Blavatsky trabalhando em sua escrivaninha, a mesma em que ela escreveu a maior parte de “A Doutrina Secreta”. Judge informa que a foto foi tirada no início do dia.

Para saber o que um teosofista sentia ao ver Blavatsky pessoalmente pela primeira vez, leia os relatos [“Conhecendo Helena Blavatsky”](#) e [“Um Encontro com HPB”](#).

Um terceiro testemunho sobre o ato de estar na presença de Blavatsky foi feito por Alice Leighton Cleather e está reproduzido no artigo [“O Muro Que Protege a Humanidade”](#).

NOTAS:

[1] De “Echoes of the Orient”, de William Quan Judge, uma compilação em três volumes dos escritos curtos de Judge; Point Loma Publications, San Diego, California, 1975, ver vol. I, pp. 243-244.

[2] “Echoes of the Orient”, de W. Q. Judge, Point Loma Publications, 1975, vol. I, p. 244-245.

Ensinamentos de um Mahatma - 30 Outras Cartas ao Discípulo S. Ramaswamier



S. Ramaswamier: imagem parcial, ampliada, extraída da foto em grupo que aparece em “The Aquarian Theosophist”, October 2012, página 5

Nota Editorial:

O artigo número trinta desta compilação de escritos do mestre de Helena Blavatsky apresenta as Cartas 51, 52, 53, 54, 55 e 56 da obra “**Cartas dos Mestres de Sabedoria**”, segunda série, dirigidas a S. Ramaswamier.

Em uma nota de pé de página da carta 51, C. Jinarajadasa observa que “várias frases desta carta, sobre o chelado, ocorrem *verbatim* na carta que C.W. Leadbeater recebeu na Inglaterra em 31 de outubro de 1884.”

De fato, Charles Leadbeater foi por um curto período de tempo um chela em provação. Ele logo deixou de ser discípulo e nunca foi admitido na Escola Esotérica enquanto H.P. Blavatsky viveu. Leadbeater foi devidamente expulso - formalmente *forçado a renunciar* - da Sociedade Teosófica por Henry Olcott, em 1906. Ele foi aceito de volta por Annie Besant assim que Olcott morreu.¹

(CCA)

¹ Veja os artigos “[Bispo Católico Visita Plantações em Marte](#)”, “[Leadbeater Diz Que Matou Brasileiros](#)”, “[Krishnamurti e as Ilusões Besantianas](#)”, “[O Racismo em Nome da Teosofia](#)” e “[Fabricando um Avatar](#)”. Em inglês, examine o livro de Alice Leighton Cleather intitulado “[H.P. Blavatsky: A Great Betrayal](#)”. (CCA)

Carta 51 ²

Saudações Meu Chela,

A meu pedido, Olcott explicou a teoria do chelado. É um estágio educacional bem como probatório, e somente o chela pode determinar se ele acabará no adepto ou num fracasso. Devido a uma ideia equivocada de nosso sistema, os chelas, com muita frequência, buscam e esperam por ordens, perdendo tempo precioso que poderia ser aproveitado com esforços pessoais ³. Estas observações foram sugeridas por suas perguntas. Você oferece seus serviços; bem. Você está disposto a dedicar tempo, fazer despesas, correr riscos por NOSSA causa. Bem, esta é a causa da humanidade, da verdadeira religião, da educação, da iluminação e elevação espiritual, naturalmente. Ela precisa de missionários, devotos, trabalhadores, até de mártires, talvez. Mas ela não pode nunca exigir de *nenhum* homem que se torne nada disso. Se ele escolher assim - bem; - é bom para o mundo e bom para ele próprio. Porque trabalhar para a humanidade é grandioso, sua recompensa estende-se além deste breve sonho de vida e alcança outros nascimentos. Portanto, agora, meu chela, escolha e assumo seu próprio destino. Você deseja curar os doentes, - faça isso; mas lembre-se de que seu sucesso será medido por *sua fé* - em si mesmo mais do que em nós. Perca-a por um segundo e o fracasso virá em seguida. Darei ordens a Morya Júnior - Olcott - para ensinar-lhe a parte técnica. Tenha fé no poder de sua alma e terá sucesso. Você deseja tirar licença por dois anos⁴; decida após avaliar o custo total, e que a luz da memória de nosso Senhor *Tathagata* possa auxiliá-lo a decidir pelo melhor. Antes de seguir para o sul, contudo, tenho uma missão para você junto ao *Marajá*⁵ de Benares em relação ao assunto de Sinnett, que Olcott irá explicar-lhe ⁶. Sem dúvida, se você fosse livre para agir, poderia fazer grande bem em muitos casos e de diferentes maneiras, além de fortalecer a Sociedade. Mas esta ideia é meritória e justa e você fez bem em escolher isto. O *Karma* não é cego.

Devo dizer que sua suposição sobre a relação de certo Príncipe não é correta; mas o segredo não é meu e não posso revelá-lo. Use-o de maneira discreta e use suas próprias intuições. Há dois homens em T. que conhecem o segredo, procure-os.

Quanto a aumentarmos seus poderes psíquicos, isso virá no devido tempo e não pode vir logo. Não temos o direito de forçar, e nenhum bem pode vir de forçar a natureza. Ela já tem sido generosa com você. Receba minhas bênçãos, meu filho.

M .:

² Recebida provavelmente em Allahabad, outubro de 1882. (C. Jinarajadasa)

³ Várias frases desta carta, sobre o chelado, ocorrem *verbatim* na carta que C.W. Leadbeater recebeu na Inglaterra em 31 de outubro de 1884. Tal carta está publicada como número 7 na Primeira Série. (C. Jinarajadasa)

⁴ O Sr. Ramaswami era funcionário do governo com a função de Escrivão distrital de fianças e penhores. (C. Jinarajadasa)

⁵ *Marajá*: título dos príncipes da Índia no século 19. (Nota da edição brasileira de “Cartas dos Mestres de Sabedoria”)

⁶ O caso do jornal *Phoenix*, que deveria opor-se ao *Pioneer*. (C. Jinarajadasa)

P.S. Encaminhe, por favor, a carta anexa a seu endereço, e escreva uma nota explicando quem você é e diga que é meu chela *escolhido*. *Upasika* falará.

Carta 52 ⁷

Você está certo, é mais meritório fazer seu dever sem qualquer busca de recompensa do que ficar barganhando reconhecimento por suas ações. Você é jovem, meu amigo, e tem longos anos diante de si. Tem trabalhado altruisticamente e com grande benefício tanto para seu país quanto para a boa causa. E nós lhe agradecemos. Agora volte para casa e seja qual for o problema que pareça pairar sobre você, lembre-se de que estou com você.

M .:

Carta 53 ⁸

Em nome de M--, ordena-se a R.S. que entregue o anexo a Subba Row. R. *Swami* tem minhas bênçãos e recebe a ordem de não revelar isto a ninguém. Pode, contudo, dizer que recebeu esta carta - uma nova prova de nossa existência *independentemente de Upasika*.

M .:

Carta 54 ⁹

Se você superou a sua misantropia, suas dúvidas e arrependimentos, então prove-o escrevendo àqueles que mais o amam. Um chela aceito não está livre de tentações, provações e testes. Feliz é aquele que atravessa o grande abismo entre *ele próprio e nós* - desprovido do temor da dúvida e livre da poluição da suspeita [క మే తి కిం]¹⁰ você sabe? Medite sobre isso filho, medite, e logo que puder venha nos ver em nossa nova casa - a sala oculta. ¹¹

M .:

⁷ O Sr. Ramaswamier chegou em Bombaim com H.P.B. em 25 de novembro de 1882. Em 1º de dezembro recebeu uma carta de seu Mestre, que provavelmente é esta, uma vez que lhe é dito para regressar à casa, o que ele fez após o Encontro do Sétimo Aniversário [da S.T.], ocorrido em 7 de dezembro. (C. Jinarajadasa)

⁸ Não há certeza quanto à data, mas provavelmente é 1883. (C. Jinarajadasa)

⁹ Não há certeza quanto à data, mas deve ter sido logo após fevereiro de 1883, quando o “quarto secreto”, como o Coronel Olcott o chamou, estava pronto. (C. Jinarajadasa)

¹⁰ Esta é uma frase em sânscrito, “*karmeti kim?*” - “o que significa *karma?*”. A escrita está em *telugu*, embora o Sr. Ramaswamier fosse tâmil. (C. Jinarajadasa)

¹¹ Sobre a Sala Oculta, veja “Damodar and the Pioneers of the Theosophical Movement”, de Sven Eek, TPH, Adyar, 1978, 720 pp., pp. 512-513. (CCA)

Carta 55 ¹²

[S. Ramaswamier escreveu a seu Mestre como segue:

“Sashtanga Namaskar¹³ aos três vezes sagrados pés de meu Pai. Será para o meu bem e ajudará no desenvolvimento de meus poderes de clarividência e clariaudiência, se toda manhã entre 4 e 6 horas colocar um pino de ferro diante de mim e tentar movê-lo com o poder de minha vontade?”

Vijnapanam¹⁴ - S.R.”

A resposta foi:]

Tente; isso não pode causar mal e pode ajudar.

M .:

Carta 56 ¹⁵

Bem colocado - coração valente e chela de meu querido Irmão Koot Hoomi.¹⁶ Espero e confio em que meu bom chela Ramaswamier ficará à sua altura. Tenho esperança e confiança nele. Eu o abençoo, meu leal menino - bênçãos a todos.

M .:

000

O texto acima reproduz as Cartas 51, 52, 53, 54, 55 e 56 de “**Cartas dos Mestres de Sabedoria**”, transcritas e compiladas por C. Jinarajadasa, Segunda Série, Ed. Teosófica, Brasília, 2010, revisão técnica de Carlos Cardoso Aveline, 295 pp., ver pp. 229-232. A edição de 1948 da obra em inglês, “**Letters from the Masters of the Wisdom**”, pode ser lida em PDF [nos websites associados](#).

000

¹² Não é possível determinar a data. (C. Jinarajadasa)

¹³ “Prostração com os oito membros” - prostração completa, totalmente estendido no chão, para expressar total veneração. (C. Jinarajadasa)

¹⁴ “Este é meu pedido”. (C. Jinarajadasa)

¹⁵ Esta mensagem apareceu em uma carta que Damodar K. Mavalankar escreveu para S. Ramaswamier em 17 de outubro de 1882. (C. Jinarajadasa)

¹⁶ Damodar. (C. Jinarajadasa)

Resposta:

Fizeram isso falando em nome dos Mestres de Helena Blavatsky. Apresentaram-se também como representantes de Mestres imaginários, inventados por eles mesmos, e prometeram coisas extraordinárias, abordando temas fantásticos. Passaram a controlar o poder político-institucional com apoio de práticas ritualistas.

Pergunta:

A volta do Cristo foi parte deste esquema?

Resposta:

A consolidação do poder político e a transformação da Sociedade Teosófica num rebanho obediente exigia a criação de uma expectativa histórica (dentro do conceito freudiano de histeria) e messiânica. Era necessário imaginar uma [volta espetacular do Cristo](#).

Leia também "[A Fraude da Escola Esotérica](#)". Para observar o espetáculo extraordinário da falta de bom senso, veja "[Besant Anuncia Que é Mahatma](#)" e "[Krishnamurti e as Ilusões Besantianas](#)".

Sobre a que ponto chegou esta sublitteratura pseudoclarividente, será útil examinar "[Leadbeater Diz Que Matou Brasileiros](#)" e "[O Racismo em Nome da Teosofia](#)".

É preciso enxergar o todo para compreender as partes. Olhando a situação de conjunto, vemos que o conceito de "alma-grupo" é uma das falsificações relativamente pouco daninhas, se comparadas com outras. Cada grupo de seres (cada espécie, etc.) tem, mesmo, um *carma coletivo* e uma certa *aura comum*. A palavra "alma" se pode aplicar como metáfora, no sentido de "âmago", de inteligência essencial ou interna. Em "[A Chave da Teosofia](#)" vemos que o carma é mais coletivo do que parece. A separação entre os seres é ilusória, e HPB afirma que há uma alma comum a todos os seres humanos ("Collected Writings", TPH, vol. VIII, veja o alto da p. 408).

O mais grave é o ato em si de inventar e falsificar através de fantasias pseudoclarividentes. Mesmo que seja um plágio e não uma invenção. A ostentação de falsos poderes implica traição, deslealdade para com os verdadeiros Sábios, perda da noção da realidade, e além disso leva a outras falsificações além do plágio. As mentiras "piedosas" desorientam o público, induzem as pessoas a acreditarem sem verificarem por si mesmas, e causam um grave dano moral ao movimento teosófico como um todo. Toda falsidade é inaceitável. Prevendo este tipo de problema, HPB colocou como lema do movimento uma frase definitiva: "**Não Há Religião Mais Elevada Que a Verdade**".

Pergunta:

Qual o papel de Geoffrey Hodson no processo de fabricação de ensinamentos imaginários?

Resposta:

Temos algo por traduzir ao português: "[Geoffrey Hodson and His Fake Masters](#)". G. Hodson é um caso de boa-fé e fantasia, combinadas para produzir visões sem pé nem cabeça. Não foram poucos, nem são poucos hoje, os indivíduos sinceros arrastados pela ilusão ritualista e pela criação imaginária.

